

O ASSALTO

AUTOR: José Vicente de Paula

Atos: 1, 2 quadros

Número de personagens: 2 homens

Personagens:

Vitor: bancário

Varredor: responsável pela limpeza

Tema: Varredor e funcionário do banco encontram-se nas dependências do mesmo, após o horário de expediente, um quer limpar e o outro trabalhar, entram em atrito e após desentendimentos termina ficando claro que Vitor está transtornado e que assaltara o banco.

Número de páginas: 33 e 16, dependendo da edição

Número de exemplares: 7

Obs: Com cortes da censura da PF.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

TEATRO DE ARENA - 226-0242
Av. Borges de Medeiros, 835 - CEP 90020

" O A S S A L T O "

D E

J o s é v i c e n t e

TEATRO DE ARENA • 226-0242
Av. Borges de Medeiros, 835 — CEP 90060

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

Prod. e

Dir.: LOURIVAL PEREIRA
NOVO HAMBURGO (RS)

" O A S S A L T O "

original de JOSÉ VICENTE

PERSONAGENS:

HUGO (varredor)

VITOR (5.923.800)

VARREDOR: Exuberante, 33 anos, ruê, sem cultura mas não vulgar, usa um macacão sujo e fedido, sua do, aberto no peito e tamancos também sujos. O varredor ao contrário de vitor possui os sinais espontâneos da presença erótica da vida.

VITOR: Nº 5.923.800 de uma organização bancária, neurótico, estranho, fuma muito, pinga colírio no olho nervosamente, como se duma hora para outra fôsse ficar cego.

Tem 25 anos, é branco, sem vitalidade, frágil, está à beira da loucura, da "loucura que le va ao hospício".

C E N Á R I O

parte de uma sala do banco. está desarrumada e suja, porque o expediente encerrou há algum tempo, os funcionários foram-se embora, veio o rapaz da limpeza, o varredor, e botou as cadeiras (giratórias) em cima das mesas, os caixotes de lixo e o resto.

Os elementos imprescindíveis são: um pequeno despertador, que fica funcionando o tempo todo; uma dessas cadeiras de escritório gasta, enorme, que deve encerrar a eloquência de um trono.

O complemento dêsse "banco exprimido" é a mesa também estilo escritório, fria, mas grande, que vai, no final, desempenhar o ofício mórbido de câmara mortuária.

O cenário pode ser o mais simples possível, isto é, ainda que exuberante, sempre dentro dum tom mais "expressionista" e menos comprometido com a "realidade".

1.º A S S A L T O

TOQUE PROLONGADO DE SIRENE:

O VARREDOR ESTÁ ACABANDO DE VARRER A PRIMEIRA PARTE DA SALA DO BANCO, TRANQUILAMENTE, COMO DE COSTUME, SÓZINHO, BEM-À VONTADE TAMBÉM PELO FATO DE ESTAR SÓZINHO.

COÇA AS PERNAS E O CORPO INTEIRO (POR CAUSA DAS PULGAS) TIRA OS TAMANCOS, DEPOIS SENTA-SE À MESA, LIMPA OS PÉS, TORNA A CALÇAR OS TAMANCOS, MEKE UMA MÁQUINA DE ESCREVER. ABRE A GAVETA DA MESA - A GAVETA CENTRAL - E QUANDO VAI FUÇAR NAS COISAS A PORTA SE ABRE, DE REPENTE, E ENTRA VITOR, COM UMA FILHA DE PAPÉIS NOS BRAÇOS.

O VARREDOR PRONTAMENTE SE ABSTÉM, EMPURRANDO ABRUPTAMENTE A GAVETA, PEGANDO O ESPANADOR E FINGINDO QUE ESTÁ SÓ LIMPANDO OS MÓVEIS.

VITOR SE DIRIGE À MESA, ESPALHAFATOSAMENTE, DESPEJA OS PAPÉIS EM CIMA, SUSPIRANDO DE CANSAÇO. TIRA TRANQUILAMENTE AS CADEIRAS E OS DEMAIS OBJETOS QUE ESTAVAM EM CIMA, DEPOIS VAI À PORTA, ABRE, OLHA PARA FORA, DEPOIS

- VARREDOR - Assim um não atrapalha o outro.
- VITOR - Quer dizer que eu estou te atrapalhando.
- VARREDOR - Não é isso...
- VITOR - Em geral o pessoal do banco limpa a área logo no começo da noite prá deixar vocês da limpeza à vontade, mas é que hoje deu galho no balancete e eu fiquei fazendo hora extra.
- VARREDOR - Que hora que o senhor vai acabar o serviço ?
- VITOR - Você tá com muita pressa ?
- VARREDOR - Eu tenho que deixar a sala bem arrumada prá amanhã, se não...
- VITOR - Senão o que ?
- VARREDOR - Sabe como é, arrumo problema com a limpeza.
- VITOR - E quanto tempo você gasta prá deixar êsse lixo em ordem ?
- VARREDOR - Uma hora mais ou menos. Depende.
- VITOR - Eu saio então. Vou prá outro lugar, depois eu volto. Assim eu não te atrapalho. Vou até à rua, engulo um americano, compro cigarro, faço uma cerinha e volto.
- VARREDOR - sabe como é, mas é que senão arrumo problema aí com a limpeza.
- VITOR - Claro !
(SILÊNCIO. VITOR CONTINUA TRANQUILAMENTE SENTADO NA CADEIRA. OBSERVA COM FALSO INTERÊSSE OS PAPÉIS NA MESA, COMEÇA A SEPARAR, PASSANDO DE UM LADO PARA OUTRO, COM FALSO CUIDADO, PÁRA ALGUM DE VEZ EM QUANDO CONTRA A LUZ E OBSERVA, COMO UM ANALISTA. DEPOIS EMBOLOTA UM OUTRO E JOGA AO CHÃO, PROPOSITADAMENTE. IRRITADO, DESPEJA UM CINZEIRO NO CHÃO, COM NÔJO).
- VITOR - Sabe, não tolero cheiro de cigarro fumado. Me intoxica.
- VARREDOR - (INDIFERENTE). É. (PAUSA)
- VITOR - Sabe o que são êsses papéis ?
- VARREDOR - (SEM INTERÊSSE) Não sei.
- VITOR - (COM FALSO ENTUSIASMO) São diários. Isso aqui se chama diário. É um tipo de documento muito importante. É importantíssimo um diário ! sem êsses papéis aqui, o Banco não existe. Você nem pode imaginar. A base do diário é a mesma base da contabilidade, tá vendo aqui ?

débito-Crédito: É exato; nem mais nem menos. Às custas dum papelzinho dêste a gente pode inclusive ir pro ô-lho da rua. Imagina só prá você ter uma idéia que hoje eu fiquei prêso aqui por causa de cinco centavos a menos. Cinco centavos de diferença que se eu não localizar o Banco não vai dormir ! E eu, inclusive, claro !

VARREDOR - O senhor disse que ia sair...

VITOR - Porque você me chama de senhor ? senhor é etrusco ! Po-
de me chamar de você. por falar nisso, qual a tua idade ? Você não se incomoda de falar em idade incomoda ?

VARREDOR - (COÇA O CORPO, DESESPERADO PELA FALTA DE INTERÊSSE)

VITOR - Alergia ?

VARREDOR - São as pulgas.

VITOR - É uma louvura como tem pulgas nêsse banco ! Tenho horror de pulgas. você não usa neocid no corpo ?

VARREDOR - Não.

(VITOR TORNA A PINGAR COLÍRIO NO ÔLHO)

VITOR - O único preparado que eu utilizo é colírio. uso litros de colírio por ano. Litros ! Tenho a impressão que estou ficando cego. Isso é por causa da luz. Ou falta de luz, sei lá. São os ossos do ofício.

VARREDOR - É.

VITOR - Eu te dou trinta anos.

VARREDOR - Trinta e três.

VITOR - É a idade de Jesus Cristo, sabia ?

VARREDOR - Tenho três filhos.

VITOR - O teu nome se não me engano é Hugo, acertei ?

VARREDOR - Hugo. O senhor me conhece de algum lugar ?

VITOR - Daqui de banco, ora ! A gente não trabalha junto há mui
to tempo ?

VARREDOR - É, isso é.

VITOR - quanto é que vocês ganham por mês ?

VARREDOR - Meio salário.

VITOR - Só meio salário ? !

VARREDOR - Mas eu quebro o galho de dia por fora.

VITOR - Caramba, porque senão não dá !

VARREDOR - Eu faço outros bancos.

VITOR - É só o que você sabe fazer ? Limpar banco, limpar sa-

la de banco, limpar privada de banco ?

VARREDOR - Tenho vontade de aprender "datilógra".

VITOR - quê isso, "datilógra"?

VARREDOR - Máquina.

VITOR - Datilografia.

VARREDOR - Não sobra tempo mas eu vou ver se começo, quando sobrar um dinheiro.

VITOR - Eu estou intrigado com uma coisa. Eu já te falo: Com essa vida que você tem, de trabalhar de dia e trabalhar de noite, que hora que sobra para você trepar ?

VARREDOR - (RI MEIO DESCONTRAÍDO)

VITOR - Porque a gente tem de pensar nessas coisas, é ou não é?

VARREDOR - Me viro.

VITOR - Pôxa, porque você trabalha praticamente 3/4 da tua vida, do jeito que vai indo, limpando banco. Sem contar as horas de dormir.

VARREDOR - Mais ou menos.

VITOR - Faz as contas.

VARREDOR - (IMPACIENTE) Já tou atrasado.

VITOR - quer ver só. que hora que você levanta ?

VARREDOR - seis.

VITOR - Eu não digo trepar só. Eu falo viver, no sentido genérico: Vagabundear, com o que a gente gosta, me entende ?

VARREDOR - Claro.

VITOR - pois é, seis horas. daí você trabalha até que horas ?

VARREDOR - Meio-dia, uma hora, depende.

VITOR - E almoça em casa ?

VARREDOR - Porra, o senhor está me atrasando.

VITOR - (APONTANDO O VARREDOR COM O DEDO) Me chama de você.

VARREDOR - É que eu vou arrumar problema com a limpeza.

VITOR - Sem afobamento.

VARREDOR - O chefe não dá moleza.

VITOR - quem tem chefe é índio !

VARREDOR - Se eu atraso, descontam no pagamento. Não é brincadeira.

VITOR - (PAUSA) você volta prá almoçar na tua casa ?

VARREDOR - (AFLITO) saio com marmita.

VITOR - (TRANQUILO) Aqui de noite o que é que vocês comem ?

VARREDOR - O resto do lanche aí de vocês, que sobra em cima das mesas.

- VITOR - Com aquêles café com leite hediondo ?
- VARREDOR - É frio.
- VITOR - Dá câncer, sabia ? Um amigo meu morreu com uma inflamação dêsse tamanho aqui no estômago.
- VARREDOR - É melhor que nada.
(PAUSA)
- VITOR - Sabe que eu te vejo aí na porta do banco, de tarde, todo dia ? Aí pelas sete horas.
- VARREDOR - É a hora que eu entro.
- VITOR - É a hora que eu saio. Você fica encostado na parede, na fila, junto com os outros da limpeza, esperando o elevador acabar de despejar os funcionários do banco.
- VARREDOR - A gente tem de esperar vocês se mandar primeiro.
- VITOR - Você tem uma japona azul de lã, não tem ? (PAUSA) Parece que é a única que você tem.
- VARREDOR - (AFLITO, PROCURANDO AS HORAS NO DESPERTADOR) que hora é agora ?
- VITOR - Eu estou te atrasando, eu sei.
- VARREDOR - sabe como é, se não fôsse o chefe da limpeza...
- VITOR - É o italiano, é ? Aquêles vermelhão que fica gritando o tempo inteiro ?
- VARREDOR - Não é sôpa !
- VITOR - Meu chefe também não desgruda um minuto ! Claro que se êle estivesse aqui eu não ia estar à vontade com você, como estou agora, conversando com o serviço aí parado e esta gravata frouxa dêste jeito. manda ver e não quer nem saber.
- VARREDOR - Eu acho que o melhor é eu voltar depois.
- VITOR - Depois que hora ?
- VARREDOR - Depois que o senhor acabar.
- VITOR - (OPERECENDO COM O MAÇO) Fuma um cigarro.
- VARREDOR - Não posso.
- VITOR - Você não fuma ?
- VARREDOR - Durante o expediente é proibido.
- VITOR - quem te proíbe ?
- VARREDOR - A Companhia.
- VITOR - que companhia ?
- VARREDOR - A companhia de limpeza.
- VITOR - Eu pensava que você trabalhava diretamente pro banco.

VARREDOR - Trabalhamos prá companhia.

VITOR - E a companhia proíbe vocês de fumar ?

VARREDOR - É, é meio chato.

VITOR - (PAUSA) Mas você fuma assim mesmo, não fuma não ?

VARREDOR - Também nem sobra tempo, tem tanta coisa prá fazer, o problema é acabar depressa para se picar mais cedo.

VITOR - (INSISTINDO COM O MAÇO) Um só, não vai te atrasar nada.

VARREDOR - (TENTA SER AMÁVEL) É que hoje, ainda por cima, já em - trei atrasado 15 minutos. O chefe me olhou diferente.

VITOR - Pôxa, mas um cigarro só! Depois eu vou sair, você fica à vontade.

(O VARREDOR COÇA A CABEÇA, NERVOSO).

VITOR - Ninguém vai te pegar fumando. Numa hora dessa eles es - tão engolindo poeira aí em cima, nos outros andares.

VARREDOR - Se me pegam nesse papo, porra !, sem fazer nada, se que - bram no meio !

(O VARREDOR PEGA O CIGARRO DE MAU HUMOR E VITOR, ENQUAN - TO ACENDE:)

VITOR - Meu número é 5.923.800. Você pode imaginar quantos gente vem atrás e quantos não vão na minha frente. Meu servi - ço é fácil. Eu fico o tempo inteiro controlando a entra - da diária desses papéis. Débito-Crédito; Nem um número a mais, nem um número a menos. Sou um especialista e m - número. Se falta um e sobra um, tenho de começar tudo de novo, desde o começo. Três anos fazendo balanço dei - xa o teu olho aguçado em cima das coisas, como um cére - bro de contrôle. Um zero à esquerda você consegue agar - rar com o dedo, e... pum ! Pum ! Derrubar em cima do pa - pel !

Três anos num banco é o tempo duma juventude. Você a - bre os olhos e... puf ! O tempo engoliu tua cara.

que idade você me dá ?

VARREDOR - (DESINTERESSADO) vinte e poucos.

VITOR - vinte e quanto ?

VARREDOR - vinte e... vinte e cinco ?

VITOR - Em cima ! Em geral me dão vinte e oito, trinta. Teve um cara que me deu trinta e dois. Me senti sem ar.

(O VARREDOR APAGA O CIGARRO, ABRUPTAMENTE, GUARDANDO O RESTO NO BÔLSCO DO MACACÃO)

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

- VITOR - Apagou o cigarro por que?
- VARREDOR - O senhor desculpa, outro dia a gente bate um papo.
- VITOR - que é isso, voce gosta tanto assim do banco?
- VARREDOR - Porra, não é isso...
- VITOR - Mas nem um cigarro! será que um simples cigarro vai enfiar, essa máquina?
- VARREDOR - O problema é que eu tou atrasado; porra!
- VITOR - sem essa velho, fuma tranquilo. Esquece a limpeza por alguns minutos. Abstrai. Assim... Ohi. (VITOR MOVE COM A MÃO NO AR, COMO UM FEITICEIRO). Pronto. Esqueceu.
- VARREDOR - Eu sou casado, porra!
- VITOR - E daí?
- VARREDOR - Daí que...
- VITOR - Daí o que?
- VARREDOR - Tenho 3 filhos prá tratar.
- VITOR - E daí?
- VARREDOR - (TENTA AINDA SER AMÁVEL) se o senhor me dá licença, eu varro correndo. Eu deixo a sala pronta num minuto e me arranco.
- VITOR - voce disse que gasta uma hora mais ou menos, foi o que voce disse. pois é. Eu também não posso perder nem um minuto. E voce está me obrigando a perder o meu tempo. se eu não deixo em ordem esses papéizinhos aí, sabe o que acontece comigo? sabe o que, que o meu chefe faz comigo amanhã? meu chefe é um cara assim, magrinho, baixinho, horroroso, tem a cara tôda amarela por causa do fígado. o cara se chama maia, o pessoal do banco chama ele de seu maia. É uma das coisas maia insuportáveis que eu já conheci em toda a minha vida. Eu já te dou a ficha do cara. Imagina uma coisa assim bem monstruosinha, vinda da merda, vinda da mais absoluta merda, suburbana, com cheiro de trem nas ventas, até hoje, com toda abominável consciencia desta merda, que gastou toda a carga de seu esperma prá se promover, produzindo, badalando, produzindo, produzindo, puxando o saco de tudo quanto foi gente importante, até que no fim, de repente, sentiu que podia falar não, quando quisesse e não quando não quisesse. Imagina essa coisa nervosa, gagá e horripilante, imagina uma coisa dessas que ainda por cima aguçou a inteligencia. Imagina essa aberração da

contabilidade te comandando o dia inteiro, te olhando de todos os lados, disposto a te flagrar na primeira oportunidade. Imagina essa coisa dormindo com voce, toda a / noite, lá bem dentro do teu sono, como um relógio funcionando certinho, dentro do teu copo de cerveja, dentro da tela do cinema, dentro do livro que voce gosta de ler. Voce tem de chamar a coisa de CHEFE! Voce tem que respeitar a coisa, que cumprimentar a coisa, que ser disponível prá coisa, porque voce tem medo, lógico que tem medo quem é que não tem? Aparentemente estamos só nós dois a qui, mas o seu Maia também está. Voce não vê nem eu vejo. Mas ele tá dentro de cada diário desses, dentro dessas cadeiras, dentro dos meus dedos e da minha cabeça. Se eu tóco nessa mesa eu não estou tocando na mesa propriamente dita eu estou tocando no seu Maia. Amanhã de manhã, e le se materializa aqui dentro, examina o serviço e se não tá do jeito que ele resolveu que quis, sabe o que a acontece? Ah! tem outra coisa: Voce pensa que é fácil escapar do poder do seu Maia. Voce pensa que é só pedir as contas, se despedir e cair fora. Mas a gente chega lá fora e o seu Maia continua. Ele está em toda parte, dentro e fora, como um deus onisciente, onipresente todo poderoso. (GEMIDOS, CHOROS, RANGER DE DENTES). (MISTERIOSO) sabe o que é isso? É no segundo-subsolo, onde o banco tem um arquivo. Ficam lá os funcionários estropiados pela contabilidade. Tem pederastas, tem maníacos, exibicionistas, assassinos potenciais, cleptomaníacos, cérebros eletrônicos, autores de teatro fracassados, compositores, todos os neuróticos dessa guerra aqui. Tem uma secretária lá, de quarenta anos, que tem mania de "prima dona" do teatro de revista. queria ser uma grande dama do rebolado. Agora tá lá, arquivando papéis, mostrando as pernas para os subordinados dela. A Marlene Dietrich da rede bancária, com a boca pintada de coraçõezinho. Ai de quem não aplaudir as extravagancias dela! Recebe quota dobrada de papéis prá arquivar.

VARREDOR - (DECIDIDAMENTE DESINTERESSADO) EU VOLTO DEPOIS.

- VITOR - Eu falei muito, desculpa pelo amor de Deus! Foi o embalo. Me desculpa mesmo. quando eu começo a falar, misturo tudo não consigo parar mais. (RINDO) Essa do arquivo, por exemplo. de noite ninguém trabalha lá.
- VARREDOR - (ENQUANTO VITOR SE EMPINA COMO UMA GALINHA TOMANDO ÁGUA). Não quero atrapalhar o senhor.
- VITOR - Toda vez que eu boto colírio me sinto como uma galinha tomando água, é esquisito, não é? (PARA O VARREDOR AUSENTE) Você não está me atrapalhando!
- VARREDOR - E o serviço aí?
- VITOR - Você parece que não tem senso de humor!
- VARREDOR - Com essas e outras eu já perdi a metade do tempo que eu tinha prá arrumar a sala.
- VITOR - (IGNORANDO A AFLIÇÃO DO VARREDOR, SEGURANDO-O PELO OMBRO) Sabe, um dia o SEU MAIA resolveu botar na cuca dele que eu estava adiantando o serviço prá sair mais cedo. daí ele simplesmente aumentou a minha quota. Me mandou separar documentos nas horas vagas. Isso daqui. (MOSTRA UNS PAPÉIS MAIORES). São registros, com assinaturas de clientes. firmas. O SEU MAIA acha que o funcionário tem que ser apaixonado pelo banco. Ele não se conforma que o funcionário dedique só oito horas diárias, mais as extraordinárias que existem todos os dias. Ele exige que o funcionário dedique também a crença, o ideal, as aspirações e os desejos ocultos à religião bancária. você tem que ser um bancário, não só aqui dentro dessas paredes - lá fora também! É o Credo, o teu Deus, o teu Jesus Cristo, a tua caridade, a tua propriedade privada, a tua família, o teu Macho se você preferir. (PAUSA). se o seu Maia descobre, por exemplo, que você gosta de cinema, numa suposição, pronto! Você tem que expiar o teu pecado. Nada de mundanismo. Você já viu um bancário na rua? Já viu como se comporta uma secretária? É a mesma coisa. Essa religião deveria de todos os lados. uma secretária, por exemplo que é praticante do mesmo Credo, é o que pode existir de mais católico em termos bancários; é uma espécie de filha de Maria do Cristianismo bancário. vive intoxicada de sanduíches e destila números mensstruais. (PARA O VARREDOR) Você é de pouca / prosa. eu percebi isso a primeira vez que eu te vi, aí em baixo, na saída do elevador. Teus colegas da limpeza vi-

vem conversando sobre mulher, sabe como, êsses assuntos divinos de segunda-feira de manhã. Voce não. sempre quietão, caladão. sabia que eu vivo te seguindo?(LONGA PAUSA). Uma vez entrei num bar que voce entrou, pra comprar cigarro. voce fuma Macedônia, não fuma?

VARREDOR - Continental.

VITOR - (COM SEGURANÇA) Macêdonia!

VARREDOR - Já fumei Macedônia.

VITOR - Pois é, daí eu tirei uma ficha pra cafezinho e deixei a ficha cair no teu pé, de propósito, e voce catou prá mim, não se lembra?

VARREDOR - (CAMINHANDO PRÁ SAÍDA) Não lembro não.

VITOR - Eu falei alguma coisa errada?

VARREDOR - É que eu tou perdendo o meu tempo, pomba!

VITOR - Voce ficou com medo de mim?

VARREDOR - Não é isso, porra!

VITOR - Então porque voce vai embora?

VARREDOR - porque eu tou em serviço. por isso - já expliquei, não expliquei? porra, então não insiste!

VITOR - Desculpa, eu tinha até esquecido. juro que tinha esquecido.

VARREDOR - outro dia a gente conversa, certinho, sem problema...

VITOR - Me desculpa mesmo! Eu também tenho que dar duro ainda, Imagina se não descubro essa diferença hoje! (SILENCIO. O VARREDOR JUNTA SUAS COISAS E CAMINHA PARA A PORTA DA SAÍDA. PÁ-RA E OLHA AINDA PARA VITOR, QUE VOLTA A SEPARAR OS PAPÉIS EM CIMA DA MESA. O VARREDOR TENTA ENTÃO ABRIR A PORTA, QUE ESTÁ TRANCADA. INSISTE, DEPOIS SE VOLTA, AZEDO)

VARREDOR - O senhor trancou a porta?

VITOR - (FALSAMENTE DISTRAIDO) que porta?

VARREDOR - Não brinca!

VITOR - quem tá brincando?

VARREDOR - Porra, não brinca!

VITOR - somando tudo, quanto é que voce ganha por dia?

VARREDOR - Não insiste, eu tou atrasado!

VITOR - Com o salário e com o que voce ganha por fora, quanto é que dá?

VARREDOR - Porra, eu já disse que o cara vai bronguear comigo! O cara me dá uma lavada e pronto! Tou envenenado.

VITOR - (TRANQUILAMENTE) em média voce deve ganhar aí na base de seis mil, sete mil por dia, somando tudo. Acertei?

VARREDOR - Não cria problema, ô meu, me abre a porta aí...

VITOR - Menos? (SILENCIO. O VARREDOR SE VOLTA, MEIO AGRESSIVO, MEIO FASCINADO)

VARREDOR - Porra, o que é que voce viu comigo?

VITOR - Jogando em sete mil, se 'e o que voce ganha por dia, eu te dou vinte mil prá voce sentar aí e fumar um cigarro comigo. (PAUSA. O VARREDOR ESTÁ TENTADO).

VITOR - (GENEROSAMENTE) É pouco? pois eu te dou trinta.

VARREDOR - Caramba, mas o que é que voce viu em mim?

VITOR - Trinta mangos contadinhos, topa? (PAUSA) Deixa esses troçoas aí e volta pra cá. (O VARREDOR OBEDECE, AGORA COM INTERESSE) senta aqui, nessa cadeira aqui. (VITOR APONTA O TRONCO, O VARREDOR PERMANECE DE PÉ) Aqui, senta aqui. Assia, voce fica parecendo um rei. Existe rei de tudo, não existe? Voce é o rei do lixo!

VARREDOR - que barato!

VITOR - Voce me acha meio doido, é?

VARREDOR - O que os caras não vão pensar...

VITOR - Pensar o que?

VARREDOR - que negócio mais esquisito!

VITOR - Só falta a coroa. Voce ficaria muito bem com uma coroa de cebolas na cabeça, e uma réstea de alho a tiracolo.

VARREDOR - (SE MEVE NA CADEIRA, ACHANDO CERTA GRAÇA)

VITOR - Voce me acha meio doido porque?

VARREDOR - Não disse nada.

VITOR - Me diz uma coisa: voce acha que eu dou certa pinta?

VARREDOR - (RINDO, MEIO TÍMIDO) eu sei lá...

VITOR - (SE AFASTANDO PRÁ UM CANTO, AUSENTE) sabe, no prédio onde eu more tem uns garotos conversando, a hora que eu entro, todo dia lá na porta. quando eu vou chegando prá entrar eles param de conversar...me abrem a porta... com muita gentileza esquisita...Não sei o que eles falam a meu respeito...A gente nunca conversou...Não me cumprimentam, mas ficam calados quando eu chego...Até eu tomar o elevador. quando eu tomo o elevador eles começam a conversar de novo...Um dia eu puxei prosa com um deles, o mais novinho. Ele me tratou com tanto respeito, que eu me senti um monge! Voce me acha muito esquisito?

VARREDOR - sei lá, um pouco.

VITOR - Aqui no Banco eu sinto a mesma coisa, no meio dos milhões de funcionários que entram e saem todo dia, como se fossem fan-

tasmas... Como se fôsem sombras... que não têm nada a ver comigo.

Às vêzes eu tenho impressão que eu morri na minha infância, me desencarnei. Não tenho mais nada de comum nem com as pessoas... nem com as coisas... nem com mais nada. Não tenho ponto de referência mais nenhum.. eu sou um corpo ôco, se carregando no meio dum munco que nem se decifra nem me decifra mais. De uns tempos prá cá eu descobri que eu não quero nem viver nem morrer nem continuar vivendo nêsse estado de graça... Você já pensou em se matar ?

VARREDOR - quê ? Não sou bêsta !

VITOR - Eu já. Uma vez eu me tranquei no banheiro, abri o gás e deixei muito tempo.

VARREDOR - Aí apareceu a tua família...

VITOR - que família ! Eu vivo sôzinho, minha família tá lá no interior.

VARREDOR - Porque não deu certo ?

VITOR - Me pareceu uma coisa ridícula.

VARREDOR - (DESINTERESSADO) E como é que ficou ?

VITOR - Desliguei o gás, tomei não sei quantos copos de leite e passei horas numa sauna. pelo menos foi estimulante.

(PAUSA)

VARREDOR - (PEGANDO O PALETÓ DE VITOR, QUE ESTÁ PENDURADO ATRÁS DUMA CADEIRA) É tergal, é ?

VITOR - Você gosta ?

VARREDOR - Bom.

VITOR - Tenho nôje !

VARREDOR - (LEVANTANDO DE REPENTE) Como é que é... Vamos resolver o nosso papo logo ? (PAUSA)

VITOR - que papo ?

VARREDOR - Já fiz programa com muito viado aí. Os caras sempre largam grana. Uma vez eu fui aí com um pinto que tava sem dinheiro; me deu uma camisa, um disco e uma japona. Essa japona azul que eu tenho aí. Claro, o disco eu dei, fazer o que com um disco !

VITOR - E tua mulher, ela não sabe ?

VARREDOR - Uma vez eu passei apertado. Peguei um velho da minha rua, o cara ia pagar mas não tinha lugar. Daí resol -

veu, me levou no quartinho de fundo da casa d'êle, de noite - isso foi num sábado. Na hora de sair o filho d'êle tava na sala, daí êle mandou o garôto sair prá comprar cigarro, enquanto êle foi a gente se mandar. A mulher do cara é amiga da minha. Fazia tempo que êle dava de cima.

VITOR - quer dizer que você tem muito cartaz.

VARREDOR - sabe como é, meu problema é mulher, mas tendo grana, sabe como é... (fiz uma menina, uma vez. Tive que me virar aí de noite com os bichas prá tirar o filho. Depois ela acabou na viração. Mas eu dei o duro :

(PAUSA. O VARREDOR ESTÁ MUITO À VONTADE. VITOR OLHA PRÁ ÊLE, DURANTE ALGUM TEMPO. DEPOIS, EM TOM RÍSPIDO:)

VITOR - prá que que você pensa que eu estou te pagando ?

VARREDOR - Eu é que sei ?

VITOR - Como é que ficou combinado ?

VARREDOR - Fumar um cigarro...

VITOR - Fumar um cigarro ! Não foi isso que ficou combinado ? Foi ou não foi isso que ficou combinado ? :

VARREDOR - Foi, chefe.

VITOR - Sabe, eu acabei de descobrir que você não passa de um puto, sabia ? Puxa, eu pensei tudo, menos que você fôsse um puto ! (O VARREDOR ESTÁ ATÔNITO) E não me chama de chefe !

VARREDOR - Mas o que houve ?

VITOR - puto sim ! E muito convicto !

VARREDOR - Porra, mais respeito comigo !

VITOR - Mas que respeito ? O que é isso, respeito ? Você se vende por trinta mangos como um judas muito nojento e ainda fala em respeito ? quem que você pensa que é, além dum prostitutozinho muito ordinário ? Hein ?

VARREDOR - (COM HUMILDADE) O senhor me desculpa então. Foi eu que entendi errado, mas é que ninguém dá uma grana limpa assim e trôco de nada, só prá fumar um cigarro.

VITOR - Tá aí. Su pago. Pago prá você fumar um cigarro. Toma aí, você vai fumar já o cigarro.

(O VARREDOR PEGA SEM JEITO O CIGARRO, E ÊLE MESMO ACENDE)

VITOR

- E não me chama nunca mais de senhor ! Nem de chefe !
que eu já me lembro logo daquele pústula que mexe os
dedinhos dentro da minha cabeça !

Eu sou uma pessoa muito honesta. Não devo nada prá
ninguém. Nunca deixei de pagar nem um cafêzinho que
eu tomo num bar. Não tenho nenhum inimigo pessoal den
tro de são paulo. Como, durmo e trabalho sem ameaça
pessoal de ninguém, sabia ? Eu digo AMEAÇA PESSOAL !
Nunca botei a mão em nada. E olha que eu já tive opor
tunidade de dar cano em muito trouxa. Mas eu sou o ti
po da pessoa honesta; o Banco não tem nada contra mim,
nem o próprio SEU MAIA tem ! Por isso, se eu te digo
que te dou tanto prá fumar um cigarro, é prá fumar um
cigarro !

(PAUSA. VITOR CAMINHA EM VOLTA DO VARREDOR, EXAMINAN
DO-O, SIMULANDO ÓDIO. O VARREDOR OSTENTA UM CERTO PA
VOR. VITOR CONTINUA INSISTINDO COMO UM BÊBEDO SÔZINHO
NA RUA DIANTE DE UM ESTRANHO QUALQUER)

Sabe qual o único defeito que eu tenho ? É um ví
cio muito engraçado; escrever pornografias nas priva
das do Banco, o que não alivia nada, mas que pelo me
nos é um atestado de revolta, MEU, PESSOAL !, contra
o Banco e tudo o que êle significa. Tudo que eu não
consigo dizer pro próprio Banco, eu digo por escrito
prás privadas dêles. Tudo o que eu não consigo dizer
pro SEU MAIA, eu digo prás privadas onde êle senta.
Tudo o que eu não consigo dizer prá cada funcionário
zinho engravatado que ajuda amamentar esta zona aqui
eu digo por escrito prás privadas onde êles todos sen
tam, prás parêdes e prás portas onde êles vão respi
rar, em particular, o ar fedido e sífilítico lá dos
intestinos dêles. E sabe por que ? porque eu não te
nho nenhum amigo nem nenhum inimigo dentro dêsse Bor
del, dentro dessa coisa iluminada e putona chamada
São Paulo, que não pode parar nem um minuto, que não
pode parar de jeito nenhum. E quando eu falo São Pau
lo, eu não falo da cidade prôpriamente dita, chamada
São paulo. Eu falo do pesadêlo de despertadores com
horas marçadas que nunca mais vão deixar ninguém dor-

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

mir em paz; Assinar pontos na hora certa de entrar , nem um minuto depois e assinar ponto na hora de sair, nem um minuto antes. (VITOR AGARRA FURIOSAMENTE O DESPERTADOR) A minha vida é essa maquininha : Essa maquininha infernal inventada pela contabilidade, prá isso da rua que chamam de paulistano. Essa maquininha calculada que não muda nunca o compasso: tic, tac, tic, tac, etc.

A noite inteira, essa maquininha dentro duma kitchenete sem luz, com uma cama imunda de solteiro e um cheiro de mofa vindo das parêdes empoeiradas e úmidas, essa maquininha marcando o mesmo compasso de sala-quarto, banheiro e kitchenete. E umas roupas sujas no chão, mudas, sêcas, sem nada prá dizer prá ninguém. Essa maquininha armada tôda noite pro dia seguinte às seis. Tôda noite. De segunda a sexta. Com chuva sem chuva, com calor, com frio, com fumaça, com passeata e sem passeata. Tôda noite. Tôda santa noite.

Sonhando, acordado, dormindo, apagado, no escuro, o barulhinho tá lá, dentro da gente, tic, tac, tic, tac. Depois é acordar do sono acordado, com o tiro preparado, vestir correndo o terno, vai chegar u m tempo que a gente já vai dormir de terno, de gravata e sapato engraxado. Correndo, tem de ser tudo correndo, voando, se despejar na rua por cima de gente correndo prá não chegar atrasado, espremido num ônibus sem falar nada, sem ninguém falando nada, pisando , empurrando, amassando, anônimo, agitado, sem notícia, sem passado, sem amigo nem nada, businado, congestionado, interrompido.

Tá lá o barulhinho : tic, tac, tic, tac. Com ponto assinado e o que êles chamam de vida humana, estacionado prá tôda eternidade em cima disso daí:

FICHAS :

MINHÕES DE FICHAS

PAPÉIS :

Papéis e números, sempre papéis, todo dia papéis,

arquivos e mais arquivos de papéis e uma indústria de homens cegos em cima desses papéis, é uma cidade inteira que foi inundada de papéis, com velhos embolorados examinando e dirigindo êsses papéis e sem pular uma letra dêsse inferno de papéis e números que são mais importantes do que a vida, do que a morte, e do que a PUTA QUE O PARIU, tantos papéis e arquivos a gente que entra com papéis e sai com papéis, que vive e morre sem saber mais nada além dêsses papéis sujos, fedidos, iguais com saudações, sem saudações, datados, carimbados, assinados e reconhecidos :

(QUASE COM NOSTALGIA)

papéis e números...

O dia inteiro, o ano inteiro, a vida inteira papéis e números. Oito a dez horas por dia, todo dia os mesmos papéis e números, as mesmas caras iguais que só entendem de papéis e números. O mesmo código prá decifrar a cara do paulista, essa cara branca, descorada e ávida que vai passar a vida inteirinha, combinando números, variando números, corrigindo números, aumentando, diminuindo, somando, decifrando, multiplicando, dividindo, amarrando a vida inteira, o dia inteiro, a noite inteira, vinte e quatro horas de janeiro a janeiro, aí, em cima de papéis, e máquinas e ruído de máquinas e relógios com hora marcada, sempre com hora marcada, sem sol, sem ar, sem jeito de poder segurar essa máquina tôda com as mãos e gritar que pára ! que pára ! que pára !

CAZZO ! Eu tenhosó 25 anos.

Você sabe o que significa ter ainda vinte e cinco anos, saindo de casa de manhã, todo dia, prá ficar sentado no mesmo lugar, em frente dos mesmos papéis, em frente dessa eternidade corrompida de números, prá chegar em casa de noite, tôda noite arrebitado, prá dormir com essa maquininha que te espera na mesma hora, prá te empurrar do mesmo jeito na rua ?

(PAUSA. VITOR ESTÁ QUASE EXAUSTO E SEM FÔLEGGO).

Do lado da minha mesa aqui tinha um velho aí na ca-

sa dos sessenta anos. Me disse que teve na guerra. Conversamos duas vezes nesse tempo todo. Assim mesmo porque êle me viu um dia com um livro de poemas - na época que eu ainda conseguia suportar um poema. Dáí êle me disse que era escritor. Um imoral ! Chegou a mostrar aí um conto pôdre que conseguiu publicar no suplemento literário do "Estado".

O velho se aposentou na semana passada. Trabalhou quarenta anos. QUARENTA: Deu dez anos de aposentadoria pro Banco. Tava cego, com os cabelos brancos.

Trazia lanche todo dia e ia comer, escondido aí no banheiro prá não ter que oferecer pros colegas. Quando comia perto de mim, comia agachado, quase debaixo da mesa, se engasgando como uma cadela. Nas férias o velho aparecia aqui na seção. Tava tão acostumado a ficar aqui, que quando davam férias prá êle, achava melhor ficar sanzando por aqui, mexendo numa coisa e noutra. sabe o que êle me disse de despedida, no dia que êle foi embora ? Me disse pra cuidar direito do arquivo que êle organizou, um dêsses cofres de metal, cheios de pastas. Só isso: que quando eu tirasse uma pasta do lugar, botasse no mesmo lugar, direitinho. Parece até que êle ensaiou quarenta anos seguidos prá me dar êsse conselho.

O SEU MAIA fêz o discurso de despedida pro velho, com salgadinhos, exemplos edificantes e coca-cola. O velho chorava como uma criança, comovido, inchado como um herói.

Ontem eu passei lá no "Salão dos Aposentados", um museu especial que o banco construiu prós funcionários que aguentam a parada até o fim. O velho tava lá, no meio de mais oito. Oito maquinhas encostadas, impotentes e ridículas, lá, nas poltronas, lembrando o tempo do banco - os bons tempos do banco : Oito coisas grotescas, empoeiradas, que não podiam nem conseguiam mais inspirar nem amor nem ódio, nem desprezo nem nada : parei um pouco na porta, me escondi atrás do portal e ouvi a conversa dêles. O velho tava dizendo que

quando cuidou do ponto da seção, na corcovante função de secretário, nunca deixou colega nenhum assinar a folha um minuto depois da hora. Tinha sido honesto e exemplar até o fim. Tinha cumprido o regulamento do Banco em cima da linha. Nunca tocou a mão nem numa borracha estragada dessa igreja. Agora era o trunfo d'êlé: Conseguiu um apartamento através da Caixa Econômica, e um Volkswagen do consórcio.

(SILÊNCIO. VITOR DEITA EM CIMA DOS PAPÉIS, DESOLADO; O VARREDOR NÃO SE MOVE. PAUSA). (DEPOIS DE UM SILÊNCIO EM QUE VITOR PERMANECE ESTENDIDO SOBRE A MESA, O VARREDOR PERTURBADO RESOLVE INTERPELÁ-LO).

VARREDOR - Escuta, nós combinamos o cigarro, eu fumei um cigarro... (VITOR NÃO SE MOVE. O VARREDOR SE APROXIMA DÊLE).

VARREDOR - Garotão... como é que é ? (VITOR PERMANECE)

VARREDOR - (BATENDO NO OMBRO DE VITOR) Escuta, ô meu, como é que vai ficar ? : (PAUSA. O VARREDOR COÇA A CABEÇA DESANIMADO) Porra ! Como é que era êsse trato ? : Vou ficar aqui plantado, de alegre ? : Tenho de dar um jeito pelo menos na privada da chefia.

VITOR - (SE LEVANTANDO ABRUPTAMENTE) A privada da chefia nunca ! Então eu te pago, faço tudo, e amanhã o seu Maia encontra tudo limpinho, direitinho ? :

VARREDOR - Assim não pode ficar.

VITOR - A privada da chefia, de jeito nenhum.

VARREDOR - E como é que faz ?

VITOR - Você diz que não tinha água.

VARREDOR - Porra, que idéia. pensa que é fácil assim é ?

VITOR - Pois eu te pago mais trinta, tá aí ! Mais trinta mangos prá você falar de você agora. Agora é você quem vai falar, pronto, já resolvi. Eu quero escutar você falar. Vai, fala de você. (PAUSA) É pouco ? trinta é pouco ? cinquenta, vai.

VARREDOR - (DEPOIS DE UMA PAUSA) Caramba !

- VITOR - Mina como essa velho, nunca mais na vida ! Never !
(PAUSA)
- VARREDOR - Sério mesmo ?...
- VITOR - Não acredita ?
- VARREDOR - (COÇANDO A CABEÇA) Mas o quê que eu vou falar de mim?!
- VITOR - Fala de você, pipocas !
- VARREDOR - Falar de mim...
- VITOR - Qualquer coisa. Me fala a respeito do pessoal da limpeza, como é que eles são... o que eles fazem... o que você acha deles... Fala do Banco, ou de quem trabalha no Banco... puts ! tem tanta coisa ! você não tá vivo?!
- (PAUSA. O VARREDOR PENSA, PENSA, E CONTINUA CALADO)
- VITOR - Nada ? !
- VARREDOR - Pôrra, eu vou falar o quê ?
- VITOR - Fala a respeito de você, meu santo !
- VARREDOR - que troço mais bêsta !
- VITOR - O que... que que você pensa da vida ? Para você o que significa a vida ? Não, essa pergunta não quer dizer mais nada, é muita abstrata. Não ! é isso mesmo ! É isso sim. que significa a vida prá você ?
- VARREDOR - (AZÊDO) Pôrra...
- VITOR - Nada ? Não significa nada ? ! Mulher ?
- VARREDOR - (VAGAMENTE, SEM CONVICÇÃO) É, mulher...
- VITOR - Só mulher ?
- VARREDOR - Pombas, não sei !
- VITOR - (GRITANDO) E eu é que vou saber ! Eu te pago prá você falar o que você quer, tudo o que você pensa e ainda vou ter de te empurrar pra fora ?
- VARREDOR - Mas que papo mais desafinado ! Esse papo não existe !
- VITOR - É a tua família, é ?
- VARREDOR - Minha família.
- VITOR - Teus filhos ? O que você vai ensinar pros teus filhos?
- VARREDOR - Uma profissão.
- VITOR - que profissão ?
- VARREDOR - Sei lá, qualquer negócio aí, eles são pequenos, o mais velho tem só dez anos.
- VITOR - E tá estudando ?
- VARREDOR - Como ? de que jeito ?
- VITOR - Só uma profissão, só isso ?

VARREDOR - Não sei... Pôrra, eu não sei ! Não fica me perguntando !

VITOR - (GRITANDO) Jesus ! Mas o que que você vai dar pros teus filhos ? Você não sabe ? O teu filho mais velho, por exemplo, você vai ensinar-lhe a varrer rua, a VARrer salas de bancos, a varrer privadas de banco, é isso que você vai ensinar pré ele ?

VARREDOR - O cara é até louco, eu sei lá o que que eu vou fazer!

VITOR - Como assim, louco ?

VARREDOR - É louco. Tan-tan. Não bate, me entende ? quebra a s coisas em casa, quando dá a crise, bate nas meninas, bate na mãe, fica batendo a cabeça na parêde, de noite, e gritando, não deixa ninguém dormir, apronta e desapronta à vontade, os cambaus !

(O VARREDOR, SÛBITAMENTE RETIRA UMA CARTEIRA AMARROTA DA DO BÛLSO E MOSTRA UMA FOTOGRAFIA, DESSAS HORRÍVEIS, A VITOR)

VARREDOR - Meus filhos.

VITOR - Êsse é o mais velho...

VARREDOR - Marcos. quando tá bom entrega leite numa carrocinha nos botecos lá do bairro. É muito trabalhador.

VITOR - E essa, quem é essa ?

VARREDOR - Minha mulher.

VITOR - Santo Deus !

VARREDOR - A gente tá separado.

VITOR - Mas é um vampiro, hein ?

VARREDOR - Uma puta bagaço !

VITOR - Mas êsse cabelão dêsse jeito, crêspo, e essa prêsa pra fora, virgem santíssima !

VARREDOR - Ela tem um metro e oitenta e dois.

VITOR - Mas onde é que você foi descobrir uma coisa tão feia assim ? !

VARREDOR - Pena que seja tão desmiolada.

VITOR - Você, pelo jeito gosta dela ainda.

VARREDOR - A gente lutou junto muito tempo. Ela é muito traba-lhadeira. Sai às quatro da manhã todo dia pra traba-lhar aí no centro, numa casa de família. Toma três conduções e só volta de noite, de trem. Se vira !

- VITOR - Você não aguentou a parada ou foi ela ?
- VARREDOR - Só tem um defeito: televisão.
- VITOR - Gosta muito, é ?
- VARREDOR - Dá a vida.
- VITOR - Você comprou uma televisão prá ela e ela te trocou pe-
la televisão ?
- VARREDOR - Bem que ela queria, mas o dinheiro não dá.
- VITOR - E foi por isso que vocês brigaram ?
- VARREDOR - Sei lá, até hoje eu não sei direito. Ela tem mania de
ir em auditório. Pôrra ! Você vê: trabalha a semana
inteira, até sábado, e no domingo ainda tem de ir em
auditório ? Não dá pé. Mas ela não: botou na cabeça
que tinha de cantar no Chacrinha ou Sílvia Santos, um
negócio assim. Uma mulher casada, com filho e tudo. Um
dia eu peguei a Ivone fazendo um negócio aí com um ta-
rado. Pôrra só seis anos, caramba ! (O VARREDOR GUAR-
DA DE NÔVO A CARTEIRA) É isso daí. Ele bota a culpa
em mim, ainda por cima. Diz que eu não tenho responsa-
bilidade. O que que eu vou fazer ? Vivia reclamando
de mim pros conhecidos. Só porque eu jogo uma pelada
de vez em quando lá com os caras da rua. Botava a bo-
ca no mundo, por causa dum esgôto que passa na porta
e a prefeitura não dá jeito. Infernava a minha vida,
dizendo que tinha nascido com a alma porca ! Eu vou
fazer o quê ? engolir o esgôto inteiro ? ! Quero que
se dane, pombas. Boto umas tábuas em cima pras crian-
ças não cair dentro. Mas o que adianta ? Os outros me-
ninos da rua até entram dentro, pra brincar ! (PAUSA)
Sem a gente não tá, mas fome não passa, não tá bom ?
(PAUSA) É isso que interessa, é ou não é ? Comigo é as-
sim: dando prá ir vivendo é o que interessa.
(PAUSA).
- VITOR - Há um ano atrás eu acho que eu ia me acostumar te ven-
do dentro disso que você aparenta que é: um homem sim-
ples, casado, honesto, que gosta de futebol, sem mui-
ta pretensão, que não quer saber de muito problema. A
gente ia acabar sendo amigo...hoje uma cerveja, amanhã
outra, outro dia uma visita lá na vila onde você mora
...(PAUSA) A ordem das coisas mudou muito. Você pode

continuar sendo tudo o que voce é, mas o teu encontro marcado com a ordem que rege o mundo e as pessoas continua te esperando. (A CENA A PARTIR DAQUI, CONECTA A ROMPER COM CLIMA ANTERIOR E PASSAR A ASSUMIR UM TOM DE LIBERADAMENTE TEATRAL) O que é um varredor de privadas de banco? Não é nada! O que um livreiro como voce, representa para a sociedade? Não representa nada! Voce é só um caso particular no meio de milhões de casos particulares e que pode conseguir só, e só isso: comover uns tantos filhos da puta que conseguem muito bem viver às custas da tua miséria particular. Intelectuais, criadores de todas as espécies e umas tantas almas bem alimentadas e bem intencionadas. Só, e só isso! Um homem como voce que passa a vida inteira limpando privadas, limpando salas de chefes, limpando vidraças, limpando chão, limpando rua, limpando escoto de rua, limpando casas de família, esse homem só pode ser um fedido, só pode ser um sujo. Um varredor de Banco é um ser humano sujo, fedido, sem importancia, sem direito, disposto a apanhar na rua como uma cadeira, pelo simples fato de estar na rua, no meio de outras pessoas, sózinho. Um varredor de Banco é um FORA DA LEI! (PAUSA). Voce bota a mão na merda de todo mundo, no mijo de todo mundo, na sífilis de todo mundo e por isso voce não pode falar em dignidade. E tem mais voce limpa o chão que eu particularmente piso, que todos os clientes do Banco particularmente pisam, quando vem aqui depositar ou retirar dinheiro. Eu joga o meu cigarro no chão, piso em cima e vem voce e limpa.

VARREDOR - Voce me paga prá me escarrar na cara?!

VITOR - É. Eu te pago pra isso; pra te escarrar na cara (PAUSA) (ABRAÇANDO-SE) sabe... Eu ja desabotoei esse teu macacão muitas vezes sozinho... Ele cheira suor de animal. Tem cheiro de rua de mercado, de gente se comprindo... Eu te imaginava Jesus Cristo, sendo seguido por mim... (PAUSA. VITOR CAMINHA EM TORNO DO VARREDOR) Dentro dum terno voce é vulgar, é comum, não sobra mais nada do que voce é... (VITOR RETIRA O PALSTÓ DA CADEIRA) É TEU. Voce gosta dele.

VARREDOR - Pra mim?

VITOR - Voce leva a calça também. (PAUSA. VITOR CONTINUA ANDANDO EM VOLTA DO VARREDOR). Eu fico com o teu macacão sujo e fedido como está. (COLOCANDO A GRAVATA NO VARREDOR) Assim fica o uniforme completo. Claro, ainda faltam os sapatos (RETIRA OS SAPATOS) Voce me passa as ta mancas. (O VARREDOR ESTÁ IMÓVEL SEM TER FOCADO EM NADA)

VARREDOR - Voce não mora sozinho?

VITOR - Foi aqui que eu te imaginei. Nós só existimos, nós dois, aqui, dentro do banco (PAUSA. A LUZ COMEÇA A BAIKAR E O TOM É LENTO E QUASE DELIRANTE)

VARREDOR - que voce tem lá?

VITOR - Uns discos, uns livros, sei lá, as continhas feitas de fim de mes, débito-crédito.

VARREDOR - Rádio, voce não tem?

VITOR - Um toca-discos.

VARREDOR - Toca-discos é bom.

VITOR - Voce gosta de música?

VARREDOR - E tempo?

VITOR - Eu te dou tudo o que eu tenho lá.

VARREDOR - Roupa?

VITOR - Minhas camisas...minhas calças...Nunca saio de dentro deste terno!

VARREDOR - (CADA VEZ MAIS ÁVIDO) Objeto de valor, voce não tem ne nhum?

VITOR - Só um relógio de ouro, que meu pai deixou pro' mim, quan do morreu.

VARREDOR - Voce faz o que de noite?

VITOR - Nada. Eu ligo o toca-discos antes de dormir, e eu tento ver se durmo. (AO SOM DE UM REQUIEM O VARREDOR ABRE OS BRAÇOS SEMI-NU, E VITOR SE ARRASTA PARA ELA, ATÉ INCORPORAR-SE EM SEUS BRAÇOS ABERTOS) Eu conheço voce melhor do que voce mesmo. Eu sou mais voce do que voce mesmo e do que eu mesmo. Voce, é mais eu do que eu mesmo e do que voce mesmo. Tudo o que voce quer é o que eu já tenho e me asfixia. Na tua profissão voce é Sa - cerdote, e eu não sou na minha. Eu sei mais o teu nome do que voce mesmo, eu te sei melhor do que voce mesmo,

(SOBRE PRODUÇÃO DE SOM. O...)
 - então é minha a tua profissão, é minha a tua sujeira,
 é meu o teu esperma e o teu sangue é meu, é voce quem
 me paga, sou eu quem te odeia!

(BLACKOUT. A MÚSICA CESSA E CRESCE EM SEU LUGAR, UM
 RUIDO DE MÁQUINAS BATENDO INCESSANTEMENTE)

VICENTE - E, tá se for isso...

VARRINHO - Não, senhor. De... de...

VICENTE - De quê?

VARRINHO - De vício, um vício...

VICENTE - De vício qual?

F I M D O 1º A S S A L T O

VARRINHO - Ou vigilante...

VICENTE - Faltou que...

VARRINHO - Tem um vício...

VICENTE - Eu vou ver...

de vício...

VARRINHO - Ser de vício...

VICENTE - (PENSANDO)

VARRINHO - Mas se não...

VICENTE - É bom...

caro...

que se...

VARRINHO - Se não...

VICENTE - Faltou que...

meu vício...

o que...

se não...

é bom...

VARRINHO - (PENSANDO)

VICENTE - Não vou...

VARRINHO - É só...

VICENTE - Não vou...

VARRINHO - Se não...

VICENTE - Não vou...

VARRINHO - Se não...

VICENTE - Não vou...

VARRINHO - Se não...

VICENTE - Não vou...

VARRINHO - Se não...

VICENTE - Não vou...

VARRINHO - Se não...

(TO QUE PROLONGADO DE SIRENE. O VARREDOR ESTÁ NUM CANTO E VITOR NOUTRO. O CLIMA DESDE O INÍCIO É DE SILÊNCIO E HOSTILIDADE, PRINCIPALMENTE POR PARTE DO VARREDOR. OS DOIS PERSONAGENS ESTÃO COM AS ROUPAS TROCADAS. DEPOIS DE UM SILÊNCIO).

VARREDOR - Tenho a impressão que eu já te conhecia antes.

VITOR - É. Só se for daqui mesmo. É o único lugar que eu frequente

VARREDOR - Daqui mesmo. Os caras da limpeza já tinham me falado.

VITOR - De mim?

VARREDOR - Que tinha um pinta me seguindo.

VITOR - Deviam zombar de mim.

VARREDOR - Os vigilantes da tarde também me falaram.

VITOR - Pensei que voce não tivesse amizade com os guardas.

VARREDOR - Tem um que é meu vizinho.

VITOR - Vai ver qu4 é por isso que me secam. Devem falar horeres de mim. (O VARREDOR ESTÁ PRONTO PARA SAIR).

VARREDOR - Quer dizer que eu leve o paletó?

VITOR - (PINGANDO COLÍRIO) Não quer pingar um colírio?

VARREDOR - Nunca usei este troço.

VITOR - É bom. Tira o vermelho. (PAUSA) Quando eu passe lá na portaria prá ir embora, os guardas ficam de olho em mim. Ache que morrem de vontade de me dar uma porrada.

VARREDOR - Os caras lá são fogo.

VITOR - Polícia nuncavai com a minha cara. Uma vez eu apanhei na rua sem mais nem menos, pelo simples fato de estar na rua. O investigador, que era um treglodita, me pediu documento, me chamou de viado e foi largando porrada na minha orelha, e nas minhas costas. Até hoje eu não sei porque.

VARREDOR - (DESCONVERSANDO) Tenho que me mandar.

VITOR - Prá onde?!

VARREDOR - Pro andar de cima.

VITOR - Nunca vi um caxias como voce, te juro!

VARREDOR - Éo jeito. Fazer o que.

VITOR - Esquece por hoje.

VARREDOR - Tenho que me mandar.

VITOR - (AUSENTE) Nem aqui no Bance eu tenho amige. Vive sozinho, vinte e quatro horas por dia, no meio de gente na rua e no meio de gente aqui dentro. Uma pessoa sozinha, desconhecida tá sujeito a apanhar na rua da polícia. Se somem com a gente é como se tivessem sumido com um espírito.

- VITOR - Acho que voce tá passando o carro na frente dos bois. Eu não falei nada.
- VARREDOR - O problema é o seguinte: voce aí tá me devendo oitenta mangos. Das coisas eu não faço questão, daí, mas a grana vai ter que sair.
- VITOR - Eu sei, claro que eu sei. Se não eu não tava mandando voce ficar sossegado.
- VARREDOR - Ficar sossegado, caramba, trancado aqui dentro com o chefe aí em cima. Tinha graça.
- VITOR - Eu tenho só que acabar de arrumar as coisas e quero uma companhia pra ficar comigo até a última hora. só isso. Te pago mais vinte, tá? Daí fica arredondado prá cem.
- VARREDOR - Não, sem essa! Muita esmola o santo já desconfia...
- VITOR - Não quer?
- VARREDOR - Desde a hora que eu cheguei que voce tá aí, plantado, falando, falando, enchendo o saco.
- VITOR - Enchendo o saco é?
- VARREDOR - É. Chega de papo agora, agora o que interessa é a grana.
- VITOR - Eu posso fazer uma pergunta antes? (PAUSA. O VARREDOR FAZ UMA ÚLTIMA CONCESSÃO, IRRITADO) Posso?
- VARREDOR - Vai, faz.
- VITOR - Voce gostou de mim? (PAUSA) Sabe, é uma espécie de coisa grotesca até... É que nunca fiz essa pergunta prá ninguém e nunca ninguém me declarou nada. Se não declaram é porque a gente tem de perguntar, é ou não é?
- VARREDOR - Eu não sei o que voce viu comigo, caramba!
- VITOR - No fundo, no fundo, eu sinto até uma espécie de orgasmo, quando eu me lembro que estou sozinho sem referencia em nenhum lugar. Minha família não existe mais, minha infancia não existe mais, e meus companheiros, nem um existe mais. É terrivelmente confortável. Só que eu queria ter certeza, por uma espécie de orgulho, que existe uma pessoa que eu consegui assaltar, no interior, tira-a toda pra fora pra ver se é melhor eu pion que realmente é. Claro, voce deve ter horror de mim. (PAUSA) Acertei?
- VARREDOR - Não chateia.
- VITOR - Desculpa.
- VARREDOR - Eu tou é pensando no quê que eu vou levar nisso.
- VITOR - Dinheiro é fácil, meu velho. Nós estamos em cima do tutu,

nadando no meio do tutu, estamos ou não estamos?(O VARREDOR ESTÁ CADA VEZ MAIS AFLITO) Voce e eu, nós dois estamos nada mais nada menos que em cima de todos os códigos aí deles, de todas as regras sociais, estamos pisando a cultura deles, enquanto eles numa hora dessas fazem a festa aí fora, tranquilamente. É ou não é? E se eles podem fazer a festa deles, porque é que nós dois vamos perder a oportunidade de fazer a nossa? Não é mesmo?

VARREDOR - Voce vai continuar com esse papo até quando?

VITOR - (AUSENTE) Eu fico pensando... Aparentemente é de uma simplicidade assustadora. Mas imagina um homem como voce, simples e submisso como é voce, ou um covarde, como eu, conversador ranheta como eu, que tivesse resolvido viver simplesmente, ingenuamente, seguindo a lei naturalmente das coisas, botasse a mão, encostasse o dedo num cofre desses. É como se voce estivesse puxando o gatilho de um exército inteiro contra a tua própria cabeça.

VARREDOR - (IRRITADÍSSIMO) Sei, eu sei, mas o problema é o seguinte, ô garotão: eu estou agora é esperando o tutu, entende? A grana, compreendeu? A grana porra!

VITOR - (SUBITAMENTE IRRITADO) Táí, voce conseguiu me irritar. Quer saber de uma coisa? Vai embora, vai! (VITOR COMEÇA A ARRASTAR O VARREDOR DISPLICENTEMENTE). E essa tua mania de falar "porra", "porra", o tempo inteiro falando "porra", não há quem aguente! Ihí, vai, vai embora! Vai embora que eu não quero te ver na minha frente nem pintado de ouro mais!

VARREDOR - (DESVENCILHANDO-SE) Calma lá, eu vou embora sim, mas antes vamos ter que acertar as contas. Não pensa que voce livra a tua barra fácil assim não!

VITOR - Eu te comprei com as minhas condições, foi ou não fei? Te comprei pra fazer de voce o que me desse na cuca. Voce aceitou ou não aceitou? Então o que voce tá reclamando? Quer ir embora? Pois vá! Te prender é que eu não vou, inclusive nem tenho resistência mais, é muito trabalhoso. (VITOR VAI E DESTRANCA A PORTA) Pronto, a porta tá aberta. Pega a tua vassoura, o teu lixo e desaparece. (O VARREDOR PERMANECE IMÓVEL) Ah! não quer pegar as tuas coisas é? Pois tá. (PEGA OS OBJETOS DO VARREDOR E ATIRA TUDO FORA) Se quiser, volta lá prá tua turma, vai limpar as tuas privadas, as tuas salas, o que voce quiser! Quem dá as

Av. Borges de Medeiros, 835 — CEP 90010

- cartas aqui hoje sou eu! (PAUSA. O VARREDOR ESTÁ IMÓVEL)
- Eu te mandei embora, o que voce tá fazendo ainda aqui na minha frente? (PAUSA) Vai embora. Eu te dispensei. Voce tá completamente livre...(PAUSA).
- VARREDOR - (CALMO, MAS COM ÓDIO) Quer dizer então que vai ficar assim?
- VITOR - É. E se quiser pode subir e contar pros teus colegas. Diz que encontrou um louco de pedra aqui dentro, da pesada, explorador, alucinado, horrível, um coisa abjeta! Depois desce lá na portaria e explica tim-tim por tim-tim pros guardas teus amigos. Conta prá eles que tem um assaltante aqui em cima, disposto a levar uma bala na cabeça. Não faço a menor questão. Hoje o desprezo e a violencia são a única moeda válida, onde eu arrisco tudo!
- VARREDOR - (COM ÓDIO) Não é a primeira vez que um tipo como voce me passa pra trás.
- VITOR - Que ótimo!
- VARREDOR - Um advogado aí do doze já me fez uma dessa. Não sei nem como entrei na tua.
- VITOR - Pois é, escola é que não te faltou.
- VARREDOR - Esse papo nunca levou ninguém pra frente.
- VITOR - Claro! Hoje em dia as pessoas são todas muito vividas.
- VARREDOR - Só que dessa vez não fica assim, Eu não levo o meu dinheiro, tá certo. Mas te acerto de um jeito ou de outro.
- VITOR - É um direito que te assiste...(PAUSA)
- VARREDOR - (GRITANDO) Quem voce tá pensando que é? (PAUSA) Voce me obriga a parar o serviço, me chama de fedorento, me faz ficar ouvindo a tua lenga-lenga, e ainda por cima pensa que vai me dar ordem?
- VITOR - Claro, voce é o varredor do Banco, esqueceu? Eu sou um bancário. Não éo correto?
- VARREDOR - Voce é um viado muito sujo!
- VITOR - O que é que voce falou?
- VARREDOR - Eu não preciso do teu dinheiro, tá bom?
- VITOR - Tou te desconhecendo...
- VARREDOR - Nem pensa que a tua gravata encebada me mete medo. Não gostei do tipo logo de cara. Voce tem um jeito de fresão que não me entra. Escutai tudo o que voce quis falar, voce falou o que quis e o que não quis, e eu fiquei aqui. Sem dar um pio. Pois é. Quero te mostrar com quem voce tá lidando!

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

(O VARREDOR CORRE PARA FECHAR A PORTA, VITOR TENTA IMPEDIR. O VARREDOR EMPURRA-O VIOLENTAMENTE CONTRA O CHÃO, SEGURANDO-O PELA GARGANTA. VIOLENCIA SIMULADA. O VARREDOR CHUTA VITOR, QUE RESPONDE COM GEMIDOS NO CHÃO)(ENTONAÇÃO DELIBERADAMENTE TEATRAL, DE FRENTE PARA A PLATÉIA) Quem sou eu pra levantar a minha mão contra voce? Como teu resto, faço o teu jogo do jeito que ele vem, carrego com minhas costas a força que voce não sabe fazer e o teu cheiro fedido que voce não pode mostrar prá ninguém porque voce é honesto, e limpo, e educado, e estude dentro da tua roupa limpa; do teu sapato engraxado; dentro de tua semana garantida de sete dias garantidos; enquanto eu estou aí apodrecendo debaixo dos teus sete dias prá pagar o preço da tua honestidade Apodrecendo debaixo da tua religião enfastiada de bar; debaixo do teu Jesus Cristo enfastiado, sem cheiro de privada e sem escarro na cara. Agora pára de bater no peito porque eu falo uma língua diferente da tua. Voces já me separaram faz muito tempo. E se a tua lei me botou sujo e me botou fedido, pede contas prá ela e não prá mim que estou engolindo por voces todos e todo o dia a merda toda do mundo que voces puseram na frente do meu nariz, para continuarem limpos, e pra'continuarem honestos. Pega qualquer um dos teus amigos aí com cheiro de livro, com cheiro de restaurante, com cheiro de teatro; encosta um deles na parede e obriga a te responder às custas de quem e às custas de quem ele continua limpo. Chama ele de covarde, de filho da puta, de frouxo. Sabe o que ele te responde? NÃO TE RESPONDE NADA ! Qualquer mendigo da rua vomita em cima da tua roupa limpa! (O VARREDOR COMEÇA A JUNTAR SUAS COISAS QUE FORAM JOGADAS LÁ FORA. ESTÁ DECIDIDO AGORA A ARRUMAR A SALA DE UM JEITO OU DE OUTRO).

VITOR - (NO CHÃO, COM A MÃO NA GARGANTA) Filha da mãe! Nem perguntou o meu nome. Nem quis saber como 'e que eu chamo! (A AÇÃO PASSA AO REALISMO ANTERIOR)

VARREDOR - (DE VOLTA CONTUNDENTE) Com voce ou sem voce eu vou arrumar a sala agora, nesse minuto!

VITOR - De jeito nenhum!

VARREDOR - É fácil. Eu dou o sinal de alarme e chamo a vigilância. (O VARREDOR CAMINHA PARA O ALARME E AGUARDA, COM A MÃO SUSPENSA).

VITOR - Pior pra voce.

VARREDOR - Eu explico que não querem me deixar trabalhar. Os caras te botam pra fora na marra! É muito simples.

VITOR - Pois chama. (O VARREDOR DESISTE) Não vai chamar os teus amigos?

VARREDOR - Essa sala vai ter que ficar arrumada de qualquer jeito!

VITOR - Essa noite não. Ainda falta fazer um exorcismo. Se não nunca mais vou conseguir dormir, com o espírito do SEU MAIA me possuindo por dentro. (PAUSA). (VITOR FAZ UM SINAL COM OS DEDOS, AO ILUMINADOR DO TEATRO E ACENDEM-SE AS LUZES DA PLATÉIA).

VARREDOR - Perdi meu tempo em te levar a sério, agora é que eu vi: voce não regula.

VITOR - (SENTANDO O VARREDOR NA CADEIRA E SE AFASTANDO DO PALCO) O que voce pensa não me interessa mais. Eu já te desmascarei. Pode ter certeza que nunca mais na vida eu vou te seguir! Nesse minuto voce já morreu prá mim. (PAUSA) Eu tentei devorar voce por dentro, mas a verdade é que voce não é tão rico como eu pensava. O fascínio que voce tinha era meu mesmo. Tudo o que eu pensei que tinha de mágico em voce, quando eu te seguia, e te via de fora, era uma criação minha. Voce não passa de um lixeiro, vulgar e insuportável como tem que ser um lixeiro.

VARREDOR - E o que voce me deve?

VITOR - Tanto que nesse minuto, já, eu vou te pagar o dinheiro que liquidou essa ilusão. Tá aqui. (RETIRA DA CARTEIRA TODO O DINHEIRO QUE TEM) Pode contar. (O VARREDOR NÃO PEGA) Ah! não quer contar? Então fica aí. (JOGA NOTA POR NOTA NO CHÃO Quanto às coisas que eu te dei, pode levar tudo ou então joga fora. (APALPA O MACACÃO DO VARREDOR) O teu amor não me interessa mais. Quando eu precisei dele, pra expulsar os meus demônios, voce não estava aqui. Agora eu estou sozinho e voce não significa mais nada. Eu nem te amo, nem te odeio. Nós dois estamos simplesmente separados, sem mais nada em comum. Não vai pegar o teu dinheiro? (PAUSA. O VARREDOR AGUARDA AINDA UM POUCO, DEPOIS SE ABAIXA, HUMILHANTE MENTE, E COMEÇA A CATAR O DINHEIRO. VITOR SAI PELA PLATÉIA) Eu te ensino o que voce faz com essa soma. Voce tem que aprender a tua nova vida esbanjando. A decadencia exige de voce o máximo em gestos inúteis e o mínimo de conteúdo. Voce tem que ser, em tudo o que voce faz e vive, em grande

barulho ôco! Você pega esse dinheiro, vai sentar num restaurante aí, no mais bebado que você encontrar, vai pedir pro garçon o prato que você quiser, vai deixar gorgeta, no final vai sujar a mesa com os restos do teu cigarro, vai fazer bolinhas com miolo de pão, vai bocejar como um porco, vai encher a cara da melhor maneira possível e depois vai se jogar na rua, na frente do primeiro táxi que te aparece4. (PAUSA) É o preço exato de um jantar. Confere?

VARREDOR - (COM O DINHEIRO CONTADO NAMÃO) Tá certo.

VITOR - Contadinho?

VARREDOR - Conferido.

VITOR - Nem mais nem menos?

VARREDOR - Conferido, porra! (PAUSA)

VITOR - Então agora eu líquido com a tua vida. Te pago tudo o que estão te devendo. (O VARREDOR QUE GUARDOU O DINHEIRO NO BOLSO, ESTÁ UM POUCO SURPRESO)

VARREDOR - Ninguém me deve mais nada.

VITOR - Claro que estão te devendo. Eu, na minha posição de inquisidor, digo e sustento que estão te devendo. Não foi com oito anos que você começou a trabalhar?

VARREDOR - Problema meu.

VITOR - Com oito anos, eu sei. Não adianta você esconder. Você vendia doce na rua. (O VARREDOR FICA MAIS SURPRESO AINDA). Claro que vendeu. E o medo que você tinha da fome? Você aprendeu a ter pavor da fome com oito anos; quando você via a tua família, a tua mãe, o teu pai, tuas irmãs, à beira da miséria. Daí você vendia. Vendia paca! Vendia o máximo que podia! (VITOR COMEÇA A RETIRAR PACOTES DE DINHEIRO DA GAVETA) Você comia arroz na gro e feijão magro. Neca de carne. Você adorava carne, mas não podia comer carne. Pois aqui está a carne, sorvete, chocolate, brinquedo, Natal, escola, livros e tempo para estudar! É esse o teu dinheiro!

VARREDOR - (APAVORADO) Você ficou louco, eu nunca vendi doce na rua.

VITOR - Claro que vendeu! Você e a tua irmã mais velha, vocês dois cada um com uma cesta no braço, indo de rua em rua, de festa em festa, de casa em casa, vendendo doces.

VARREDOR - Não tenho irmã.

VITOR - (APONTANDO DO DEDO NA CARA DO VARREDOR) Não adianta mentir. Eu sei de sua vida, tim-tim por tim-tim, minuto pro minu-

to, eu posso entender o que significam esses anos de guerra, um assalto atrás do outro, uma bomba atrás da outra, uma porrada atrás da outra, até chegar aqui, debaixo dessa luz branca aqui, fechado dentro dessas paredes aqui, com a tua mãe lá fora fora, te pedindo de joelhos que voce não abandone o Banco, de jeito nenhum abandone o Banco!

VARREDOR - Eu não tenho irmã.

VITOR - Claro que tem irmã! Duas irmãs. Mas isso não faz diferença mais nenhuma.

VARREDOR - (TENTANDO RECUAR PARA A PORTA) Pára com isso, porra! Eu sou casado!

VITOR - (LEVANTANDO UM DINHEIRO ATÉ A CARA DO VARREDOR) Voce não tem culhões? Nem pra receber o que é teu e que estão te devendo?

VARREDOR - Olha, se aparece alguém aqui e encontra isso, vão pensar que vou junto nessa jogada! (PAUSA. VITOR SE DIVERTE SÓ ZINHO COM O MEDO DO VARREDOR)

VITOR - (TRANQUILAMENTE) Sabe... esses armários aí estão todos cheios de dinheiro. As gavetas das mesas... tem dinheiro em tudo quanto é canto. Fiz uma festa pros funcionários do Banco por conta do próprio Banco... Amanhã eles chegam aqui e encontram o pagamento extra deles... (VOLTANDO-SE PARA O VARREDOR COM ÓDIO) Agora eu estou te pagando pra voce o que é teu e voce vai ter que confiar nas contas que eu fiz!

VARREDOR - (IMPIORANDO) Vamos conversar direito... direito... Escuta ô meu, vamos devagar... eu sou casado! (VITOR PRONTAMENTE RETIRA MAIS PACOTES DE DINHEIRO, QUE PASSA AO VARREDOR)

VITOR - Pelos teus filhos, e mais pela vampira da tua mulher que levanta todo o dia às quatro da manhã pra arrumar o lixo dos outros, pra ouvir os gritos dos outros, e pra comer também os restos dos outros, e mais pela escola dos teus filhos, pela comida e pela roupa deles. Pronto o teu casamento tá pago! Não me fala nunca mais que voce é casado! (O VARREDOR ESTÁ MUITO NERVOSO, COÇA O CORPO NERVOSAMENTE).

VARREDOR - (IMPIORANDO) Escuta... Eu nunca roubei nada... Foi voce quem começou o papo... não vai depois me botar nessa. Eu sou um homem direito.

VITOR - Quem é que tá roubando o que de quem? (PAUSA) Hein?

VARREDOR - Esse tipo de coisa sempre acaba mal! Vai por mim.

VITOR - Estou simplesmente pagando para mim mesmo através de voce. Voce não está me fazendo nenhum favor! (CONTINUA A RETIRAR NERVOSAMENTE PACOTES DE DINHEIRO) Estou te pagando a tua juventude que te roubaram, não é muito. Estou te pagando a tua hora contada, marcada no despertador, estou fugando numa peça de máquina pra obrigar a parar, tá me entendendo?! Junta tudo e se arranca! Eu aceito morrer por voce e voce vive por mim. Ninguém vai me pagar pra mim o meu preço exato. O que me roubaram, não vai ter ninguém, banco nenhum, que me pague mais... (PARA O VARREDOR) Não vai pegar?!

VARREDOR - Esse dinheiro não.

VITOR - Esse dinheiro sim! Porque não?

VARREDOR - Te amassam num minuto!

VITOR - O banco é uma mentira! Ninguém mais tem medo do Banco! Eu, o número 5.923.800., levantei a mão contra o Banco e estou vivo! (O VARREDOR, ARAVORADO RECUA PARA A PORTA) Onde voce pensa que vai?

VARREDOR - Vou dizer que voce ficou louco...

VITOR - (EMPURRANDO O DINHEIRO AO VARREDOR) Vai pegar o teu dinheiro ou não vai?

VARREDOR - Eles vão ver de cara que voce não regula...

VITOR - (EMPURRANDO O DINHEIRO DAMESA PARA O CHÃO, FURIOSO, DEPOIS EMPURRANDO AS GAVETAS COM OS PÉS) Pensando bem, pensando bem, todo esse dinheiro que está aqui não vai dar nem pro teu caso particular. Nem pro teu insignificante caso particular. Somando a tua vida minuto por minuto, somando tudo, a gente aí ter que assaltar a tesouraria inteira...

VARREDOR - É, a tesouraria inteira.

VITOR - As barras de ouro que estão lá embaixo.

VARREDOR - As barras de ouro do Banco.

VITOR - O Banco inteiro!

VARREDOR - (ÁVIDO) CAIXA por caixa, cofre por cofre!

VITOR - E pensando bem, pensando bem, o que é que voce vale? Que valor que voce tem? Voce não tem importancia nenhuma! Voce não vai trazer nada de novo, seu, pra mim, nem vai aparecer como um Messias tirado de trás da porta. Substancialmente voce não vai modificar nada do que está acabado, consumado e imodificável! (VITOR COMEÇA A JUNTAR DE NOVO O DI

NHEIRO DO BANCO EM CIMA DA MESA) Quer saber uma coisa? Resolvi que nem os meus míseros oitenta mil, que eu te dei da minha própria carteira, nem esses voce vai levar! (O VARREDOR VOLTA ATRÁS, SURPRESO)

VARREDOR - Mas voce...voce tinha acertado comigo?

VITOR - Tira todas as coisas e passa pra cá!

VARREDOR - Eu só estou te pedindo porque pra mim esse dinheiro já é sagrado... eu já acostumei com a idéia dele nas minhas contas, entende? (PAUSA. SE OLHAM DE FRENTE) Me entende? Porra, pra mim é muito mais importante! (PAUSA. OS DOIS FIGAM DE COSTAS, VITOR DE FRENTE PARA PLA TÊIA, COMO VER SO E REVERSO UM DO OUTRO).

VITOR - Estamos quites. Voce e eu chegamos na estaca zero onde voce queria. Não te devo mais nada nem voce me deve mais nada. Mas pode se lembrar duma coisa: essa guerra continua e eu sinto um prazer enorme, fora do comum, em desempenhar por voce a função tua que voce recusou. (VITOR GRITA O MAIS ALTO POSSÍVEL) Agora FORA! FORA DAQUI! FORA! FORA DAQUI! (MÚSICA FRENÉTICA, ESTILO ROCK. O VARREDOR VESTE O PALETÓ. AMARRA GROTESCAMENTE A GRAVATA NO PESCOÇO CORRE PARA UM CANTO, ATERRADO. CONTA O DINHEIRO DE VITOR?, CONFERINDO. DEPOIS DECIDE E TOCA A CAMPANHIA DE ALARME. DEPOIS FOGE PE LA PLATÉIA, GRETANDO SOBRE OS ESPECTADORES NO INTERIOR DO TEATRO PEDINDO SOCORRO).

VARREDOR - Assalto! Assalto! Estão assaltando o Banco! Assalto! Assalto! É um assalto!

(NO PALCO VITOR PROSSEGUE O RITUAL, DESPINDO-SE, CHICOTEANDO AS PAREDES DO BANCO COM O CINTO DA CALÇA, NO ESTADO MÁXIMO DE SUA LOUCURA. MÚSICA CRESCENDO SEMPRE. UMA SIRENE COMEÇA A TOCAR, VINDA DO LADO DE FORA DO TEATRO, POR ONDE SAIU O VARREDOR. EFEITO DE METRALHAS, LUZ E SOM ESPECIAIS, RUÍDOS, E FINALMENTE A QUEDA, METADE DO CORPO NU FORA DO PALCO. BLACKOUT. LUZ SOBRE VITOR, FUNCIONÁRIO 5.923.800).

- P I M -

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

TEATRO DE ARENA . 226-0242
Av. Borges de Medeiros, 835 - CEP 90010